



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA CENTRO
DE HUMANIDADES “OSMAR DE AQUINO”
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

MARÍLIA CHIARA DANTAS DA SILVA

**O ESPAÇO ESCOLAR E OBSERVAÇÃO SOBRE FORMAÇÃO DE IDENTIDADE
DE GÊNERO NA TURMA DO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA
ANTÔNIO GALDINO GUEDES – GUARABIRA/PB**

**GUARABIRA
2017**

**O ESPAÇO ESCOLAR E OBSERVAÇÃO SOBRE FORMAÇÃO DE IDENTIDADE
DE GÊNERO NA TURMA DO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA
ANTÔNIO GALDINO GUEDES – GUARABIRA/PB**

Artigo Científico de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, em cumprimento à exigência para obtenção do Grau de Bacharel/Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a Ms. Ana Raquel de Oliveira França

**GUARABIRA
2017**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586e Silva, Marília Chiara Dantas da

O espaço escolar e observação sobre formação de identidade de gênero na turma do 1º ano do ensino fundamental da Escola Antônio Galdino Guedes [manuscrito] / Marília Chiara Dantas Da Silva. - 2017.

30 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2017.

"Orientação: Ana Raquel de Oliveira França, Departamento de educação".

1. Gênero. 2. Identidade de Gênero. 3. Práticas Sexistas. I. Título.

21. ed. CDD 305.4

MARILIA CHIARA DANTAS DA SILVA

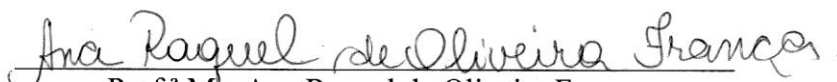
**O ESPAÇO ESCOLAR E OBSERVAÇÃO SOBRE FORMAÇÃO DE IDENTIDADE
DE GÊNERO NA TURMA DO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA
ANTÔNIO GALDINO GUEDES – GUARABIRA/PB**


Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.


Orientadora: Prof.^a Ms. Ana Raquel de Oliveira França

Aprovada em: 09 / 05 / 2017

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a Ms. Ana Raquel de Oliveira França
(Orientadora)


Prof.^a Ms. Sheila Gomes de Melo
(Examinador)


Prof. Dr. Marcelo Saturnino
(Examinador)

A todos que me ajudaram a chegar aqui, Deus, família, companheiro de vida, amigos (as) e mestres.

AGRADECIMENTOS

À **Deus** primeiramente, pois sem ele nada seria permitido, agradeço por nunca me abandonar e por sempre me mostrar que sou capaz de ir onde desejo.

A **minha mãe** que sempre esteve ao meu lado me incentivando para que eu sempre desse o melhor de mim.

A **minha irmã**, que estava sempre a me aconselhar e me apoiar nos momentos difíceis para construção do trabalho.

A **minha vizinha** por suas orações e apoio.

Ao **meu companheiro de vida**, o qual me deu total apoio e me ajudou no que pode para que eu pudesse construir o trabalho.

Aos **amigos (as)**, os quais eu desabafei, procurei ajuda e compartilhei todos os avanços da pesquisa.

Aos **professores da UEPB**, em especial, à **minha orientadora Ana Raquel**, que teve total paciência comigo, me incentivou, me deu sermão, mas não imaginaria esse trabalho sem sua cooperação, sou imensamente grata a Deus por ter tido a oportunidade de ter sido orientanda dessa professora espetacular e de poder ter aprendido não só cientificamente, mas humanamente também.

As **colegas de classe** pelos momentos de amizade e apoio.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	METODOLOGIA.....	13
3	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	15
3.1	Sobre o brincar.....	16
3.2	Linguagem de gênero.....	19
3.3	Influência da família e da mídia na construção de gênero.....	20
3.4	Constatação dos estereótipos de gênero no refeitório.....	24
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
	REFERÊNCIAS.....	29
	APÊNDICE A.....	30
	APÊNDICE B.....	31

O ESPAÇO ESCOLAR E OBSERVAÇÃO SOBRE FORMAÇÃO DE IDENTIDADE
DE GÊNERO NA TURMA DO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA
ANTÔNIO GALDINO GUEDES – GUARABIRA/PB

RESUMO

Este artigo busca tratar das relações de gênero e como acontece a construção de identidade de gênero no cotidiano escolar das crianças, buscando analisar a presença de práticas sexistas em seu meio. A presente pesquisa configura-se como etnográfica, que possibilita uma interação do pesquisador com o instrumento da pesquisa. Utilizamos como instrumento de pesquisa a observação participante, fazendo uso de uma análise qualitativa que é usada em métodos observacionais, experimentais e comparativos. Foram abordados trabalhos de Louro (1997) entre outros estudiosos (as) e documentos que abordam questões relacionadas a gênero. Ao buscar compreender como acontecia a educação e socialização de meninos e meninas, constatamos que a escola apresenta características marcantes de uma educação sexista presentes na fala da educadora, nos momentos de brincadeiras, entre outros, o que influencia diretamente na construção da identidade das crianças. O presente artigo mostra como tais práticas profissionais vindas da escola, juntamente com a construção sócio cultural dos alunos (as) pode contribuir para preconceitos, delimitando espaços de homens e mulheres. Nesse sentido, faz-se necessário toda equipe escolar repensar sua prática e reforçar seu trabalho junto à comunidade, lutando por uma educação não sexista.

Palavras-Chave: Gênero. Identidade de gênero. Práticas sexistas.

1 INTRODUÇÃO

Nos tempos tradicionais, precisamente no século XVII relata-se uma sexualidade vista como um ato reservado e intimamente ligado ao seio familiar, às crianças eram proibidas de falar sobre sexo, vendavam os olhos e tapavam os ouvidos onde quer que houvesse alguma manifestação sexual.

“Esse discurso sobre a repressão moderna do sexo se sustenta. Sem dúvida porque é fácil de ser dominado. Uma grave caução histórica e política o protege; pondo a origem da Idade da Repressão no século XVII, após centenas de arejamento e de expressão livre [...]”. (FOUCAULT, 1988, p.15)

Trazendo este pensamento para nossa contemporaneidade vemos que o diálogo sobre o sexo e relações de gênero ainda não ocorre frequentemente entre pais e filhos, o mesmo ocorre no espaço escolar, principalmente no âmbito das séries iniciais, e uma das causas dessa omissão sobre diálogos relacionados a sexualidade e as relações de gênero são os tabus criados pela sociedade.

Partindo para a perspectiva social da escola é possível analisar que as temáticas envolvendo corpo, gênero e sexualidade muitas vezes ainda não se encontram entre as propostas curriculares dos projetos pedagógicos da escola. A proposta pedagógica educacional está fundamentada em assuntos diversos, porém, temas que envolvam a construção da identidade pessoal, não são abordados com tanta ênfase devido a outras demandas conteudistas que não contemplam a complexidade do contexto social. Mesmo tendo documentos que podem nortear a ação dos profissionais da escola, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), vol. 10, que trata da Pluralidade Cultural e Orientação Sexual e, mais recentemente, a Base Comum Curricular (BCC), a discussão e a educação de gênero ainda carece de projetos e praticas mais contundentes.

Confirmamos esta tendência quando verificamos as várias discussões sobre a proibição do ensino e discussão de ideologia de gênero nas escolas em alguns municípios do Brasil, baseadas no Projeto “Escola Sem Partido”, amplamente divulgado em 2016¹. É válido lembrar que em 2011, em convênio com o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), foi elaborado um material do Programa “Brasil sem Homofobia” que teria o objetivo de combater a violência como também o preconceito contra a população

¹ A proposta do movimento é de que seja afixado na parede das salas de aula de todas as escolas do país um cartaz, onde estarão escritos os deveres do professor. Tem o objetivo de informar os estudantes sobre o direito que eles têm de “não serem doutrinados”. <<http://www.programescolasesempartido.org/>>.

LGBTT², que seria distribuído às instituições escolares de todo o país. Mas foi gerada uma grande polêmica sobre este caso, em acusações infundadas sendo o material denominado de forma pejorativa por setores conservadores, denominando de “Kit gay”. O governo não conseguiu ir adiante com o projeto, conhecido por setores conservadores por “estimular o homossexualismo e a promiscuidade”.

Mas recentemente, em abril do presente ano, tivemos a retirada do texto da Base Comum Curricular (BNCC) na sua terceira e última versão encaminhada para o Conselho Nacional de Educação (CNE), a retirada do termo “orientação sexual” e “identidade de gênero”. Fato este que causou muita indignação de setores que lutaram historicamente para a inclusão destes termos. A sociedade civil e até o comissariado das Nações Unidas veem como preocupante o resultado final, visto que foram muitos anos de militância desconsiderados para setores que lutaram para que estes termos estivessem presentes nos currículos escolares.

As temáticas relacionadas ao gênero e a sexualidade estão diretamente presentes nas atividades escolares das crianças, influenciando seu modo de viver e ser, no entanto no espaço escolar há uma subordinação das crianças frente ao modo como a escola disciplina, sendo assim as mesmas ficam submissas a lugares e comportamentos definidos pela dinâmica da escola.

Se a escola que se deseja deve ter uma visão integrada das experiências vividas pelos alunos, buscando desenvolver o prazer pelo conhecimento, é necessário que ela reconheça que desempenha um papel importante na educação para uma sexualidade ligada à vida, à saúde, ao prazer e ao bem-estar, que integra as diversas dimensões do ser humano envolvidas nesse aspecto. (BRASIL, 1998, p.78).

Mesmo que o tema de gênero e sexualidade seja cada vez mais estudado nas diversas áreas, como: pedagogia, psicologia, educação física, música, sociologia, economia, ciências religiosas, antropologia, geografia, história, direito e outras áreas do conhecimento, encontramos **resistência de professores (as) e de gestores das escolas**. Defendemos que o assunto seja abordado e mais ainda, que a prática pedagógica seja emancipatória e atenta a não reproduzir discursos de gênero e sexualidade que reproduzam o senso comum, mas sim, baseada em conceitos previamente discutidos e de cunho científico.

A corporeidade está presente na sala de aula, a partir de atividades que as crianças vivenciam a partir do toque, da descoberta do seu corpo e do corpo do outro, promovidas na dinâmica da vida escolar. Nessas vivências, nos deparamos com questões de gênero e

² Na época a denominação era LGBTT (composta por travestis, transexuais, gays, lésbicas, bissexuais e outros grupos).

sexualidade que promovem experiências significativas e marcantes no processo de ensino e aprendizagem e que são formativas na construção do conceito de gênero e conseqüentemente na identidade de gênero.

O seio escolar, de acordo com os (PCN'S), deve estar apto a desenvolver ações reflexivas nas crianças, visto que as mesmas sofrem influências da mídia, da sociedade e da família, o que pode ocasionar conceitos errôneos e uma falta de compreensão das crianças com relação aos assuntos sobre sexualidade e gênero. É inevitável a presença de conceitos relacionados a identidade de gênero e sexualidade no espaço escolar, as crianças e adolescentes trazem para o cotidiano da sala de aula questões sobre essas temáticas, e é necessário que a escola ofereça um espaço para que as crianças esclareçam dúvidas e continuem buscando respostas sem medo ou vergonha e explorem suas ideias abertamente com os colegas e professor.

Diante das diversas problemáticas abordadas frente à discussão da relação de gênero no espaço escolar buscamos apresentar neste artigo discussões sobre a temática das relações de gênero. A pesquisa teve como foco crianças inseridas no 1º ano do Ensino Fundamental I, sendo possível analisar situações e relações frente a temática da construção de identidade de gênero ocorridas dentro do espaço escolar.

O intuito de investigar qual a postura da escola e da educadora frente às relações de gênero se deu a partir do contato direto com a turma do 1º ano do Ensino Fundamental, na Escola Antônio Galdino Guedes. Esta escola está situada no Bairro do Alto da Boa Vista, na cidade de Guarabira, região do Agreste Paraibano. O fato de eu trabalhar como cuidadora de uma criança com necessidades educacionais especializada nesta escola, favoreceu para eu observar as várias situações em que se promoveram estereótipos que podem vir a prejudicar na formação de identidade de gênero dos (as) alunos (as).

Partindo das situações busquei aprofundar este artigo na discussão sobre a construção da identidade de gênero dentro do espaço escolar e da sala de aula, pude também analisar a postura da educadora frente as situações de relações de gênero ocorridas entre alunos (as) durante suas atividades escolares.

Seguindo à rotina diária com as crianças, houve necessidade de identificar qual papel que a educadora desempenha para que as crianças possam construir suas identidades de gênero, como também, verificar quais os fatores que contribuem para que as crianças apresentem uma visão limitada sobre gênero.

Partindo desses pressupostos buscamos analisar as reações dos(as) alunos(as) a respeito da temática de gênero ocorridas na sala de aula, fazendo uso da observação como

ponto inicial para criar uma nova conceituação de gênero, desmistificando estereótipos que são enraizados a nossa cultura, problematizando situações que ocorrem no ambiente escolar instituídas como natural.

O estudo realizou-se através da pesquisa de campo etnográfica, conceituada como “Um esquema de pesquisa desenvolvido pelos antropólogos para estudar a cultura e a sociedade” (ANDRÉ, 1995, p.24). O instrumento de pesquisa foi a observação que possibilita analisar os fatos e fenômenos ocorridos diariamente, que segundo Vianna (2003) é uma técnica científica que propõe uma pesquisa com resultados objetivos e um planejamento específico.

A principal estudiosa que serviu de fundamentação teórica para este trabalho foi Guacira Lopes Louro (1997). Além desta, outros (as) teóricos (as) que discutem sobre esta temática foram pesquisados.

Mesmo fazendo uma observação na sala de crianças pequenas, no Fundamental I, precisamos nos embasar em conceitos importantes para termos um olhar mais crítico em relação ao fenômeno que nos propomos estudar.

Para esclarecer alguns pontos que serão trabalhados na seguinte pesquisa é preciso abordar alguns conceitos como **gênero**, que está relacionado a uma construção sociocultural dado ao homem ou a mulher dentro de uma sociedade, exercendo papéis diferentes, levando em conta a cultura e os costumes de cada lugar. No entanto, é importante ressaltar, de acordo com Souza (1995) a categoria “gênero” passou por significativas transformações ao longo dos anos, antes vinculada a uma variável binária que ajudava a reforçar dicotomias rígidas, hoje trazem a maior vitalidade para a compreensão das relações de gênero.

O conceito de **sexualidade** é definido pelas práticas sexuais com as quais as pessoas se envolvem, podendo ser chamado também de orientação sexual que classifica as pessoas em heterossexuais, homossexuais, entre outros. Como diz os PCN's, (BRASIL, 1997, p.121), a sexualidade é primeiramente abordada no espaço privado, pelas relações familiares, [...] são transmitidos os valores que cada família adota como seus e espera que as crianças assumam

Quando nos referimos à **orientação sexual** é como o homem e a mulher se sentem ao outro com quem se relaciona, do ponto de vista de atração sexual. O termo orientação é o mais correto, visto que não é uma escolha e sim uma condição. Na sociedade ainda estamos sujeitos(as) a nos enquadrarmos na nomenclatura do ser homem ou mulher, que representam a masculinidade e feminilidade. Hoje, a partir dos inúmeros estudos que estão sendo feitos sabemos que é possível encontrarmos pessoas que gostam de pessoas do sexo oposto, denominadas de heterossexuais (heteroafetivas). Quando isso ocorre por pessoas do mesmo

sexo, a orientação é homossexual (homoafetiva). Encontramos também os que se interessam por ambos os sexos: os bissexuais (biafetivos).

Nesta perspectiva, verificamos que quando falamos de orientação sexual, inevitavelmente temos que refletir sobre identidade de gênero e estereótipo de gênero. **A identidade de gênero** está relacionada à como nos reconhecemos dentro do padrão social vigente. **Os estereótipos de gêneros** estão relacionados ao masculino e feminino, pois é comum vermos em nossa sociedade a imposição de papéis entre homens e mulheres, onde as mulheres devem cuidar da casa e os homens da parte financeira. Hoje não é mais cabível predominar essas posições, tivemos grandes avanços e dentre eles o destaque da mulher no mercado de trabalho e o homem como pai, que deve participar dos afazeres domésticos e participar ativamente na criação dos filhos.

De acordo com os PCN's (BRASIL, 1997, p. 122), a escola deve “proporcionar informações atualizadas do ponto de vista científico e explicitar os diversos valores associados à sexualidade e aos comportamentos coerentes com os valores que ele próprio elegeu como seus”.

Diante dos resultados obtidos pretendemos trazer contribuições que sirvam de apoio para a proposta curricular da escola, possibilitando ações positivas no contexto escolar que abram novos horizontes ao trabalharem as relações de gênero com as crianças.

2 METODOLOGIA

Este estudo tem como objetivo a realização de uma pesquisa referente as construções de identidade de gênero com alunos do Ensino Fundamental I na Escola Dr. Antônio Galdino Guedes situada na cidade de Guarabira-PB, com alunos referentes a faixa etária entre 6 a 7 anos.

A presente pesquisa realizada configura-se como etnográfica, que possibilita uma interação do pesquisador com o instrumento da pesquisa, tornando-se participante do cotidiano explorado. Nesse sentido, André ressalta:

Subjacente ao uso dessas técnicas etnográficas existe o princípio da interação constante entre o pesquisador e o objeto pesquisado, princípio esse que determina fortemente a segunda característica da pesquisa do tipo etnográfico, ou seja, que o pesquisador é o instrumento principal na coleta e na análise dos dados. Os dados são mediados pelo instrumento humano, o pesquisador. (ANDRÉ, 1995, p. 24)

Através da pesquisa etnográfica temos uma compreensão satisfatória do objeto da pesquisa, sendo possível analisar comportamentos, hábitos e valores durante o tempo de estudo. Esta abordagem nos possibilita ter uma vivência direta com a escola, com o dia a dia da sala de aula, analisando as práticas educativas em campo e como se dá o processo de interação entre professor (a) e aluno (a) para poder compreender como ocorre as relações de gênero dentro do espaço escolar.

De acordo com Silva *et al.* (2010) a etnografia tem se caracterizada por focar um comportamento social dentro de um cenário, no nosso caso a escola, confiando em dados qualitativos, considerando que as observações e interpretações são feitas no contexto.

Utilizamos como instrumento de pesquisa a observação participante, que de acordo com Valladares (2007), deve ser um processo longo, que pressupõe interação, papel neutro do (a) pesquisador (a) e, conseqüentemente espaço para ouvir, observar e utilizar os sentidos a fim de conseguir o máximo de informações sobre o fenômeno estudado.

A observação em sala várias vezes traz a finalidade de analisar o comportamento do professor (a) e dos (as) alunos (as), desse modo é possível trazer resultados específicos para pesquisa, pois o observador torna-se parte do cotidiano da sala e pode ter uma efetivação melhor dos resultados durante o processo de observação.

O local em que se realizou a pesquisa está situado num bairro periférico habitado por pessoas de classe média baixa, o público da escola atende crianças em situações de risco e condições de vida fragilizadas. O número estimado de alunos (as) observados foi no total de 21, numa turma específica de **1º ano do Ensino Fundamental I**, a sala de aula é composta por 11 meninas e 10 meninos. A instituição recebe alunos (as) que são filhos (as) de mães trabalhadoras, que precisam se ausentar durante todo o dia, o que impossibilita uma presença mais forte na escola e até mesmo em casa, a comunidade também é afetada pelo desemprego e a grande quantidade de crianças e adolescentes que vivem em risco social.

A população do local estudado possui pouco conhecimento acerca de assuntos relacionados a gravidez na adolescência, doenças sexualmente transmissíveis, drogas, entre outros aspectos que envolvem a comunidade, o que torna o papel da escola ainda mais árduo, pois ela tem o principal dever de orientar os alunos e trazer a família, a sociedade para dentro da escola, sendo possível fazer uma parceria para que seja necessário a orientação de pais e filhos, referente a diversos assuntos que não são discutidos em casa, inclusive a questão de gênero e sexualidade que atualmente apresenta diversos tabus e estereótipos lançados pela sociedade leiga.

Com as crianças foi utilizada a coleta de dados por meio da observação, tendo como instrumento de pesquisa o diário de campo, preenchido a cada dia de trabalho, os dados eram anotados conforme iam aparecendo situações diárias que fossem importantes para pesquisa. Para complementar, tivemos uma ficha de observação para coletar aspectos que interessavam a pesquisadora em vários locais da escola: sala de aula, parque, refeitório, aspectos que não poderiam faltar na coleta de dados, como também o uso de fotografias de objetos e materiais pessoais. Foi possível sistematizar as ideias para que não houvesse desperdício dos acontecimentos para o pesquisador como diz VIANNA (2007, p. 59).

Há situações que impedem o registro imediato, por quebrar a naturalidade da ocorrência ou perturbar as pessoas envolvidas no ato da observação. Além disso é preciso considerar que o constante registro pode, em muitos casos, contribuir para comprometer a qualidade da observação pois o observador, sem dúvida, dividirá as suas atenções entre o ato de observar e o de registrar as suas percepções, perdendo, dessa forma, elementos que poderiam ser significativos para os objetivos do trabalho.

Iniciamos as observações em outubro de 2016 e concluímos em novembro de 2016, totalizando cinco semanas com a duração de 4 horas por dia de pesquisa em campo, totalizando 20 horas. Para isso foram utilizadas fichas que eram preenchidas durante cada visita.

Foram feitas inferências a partir da teoria de G.Louro (1997) e de autores(as) que nos ajudaram a pensar sobre o tema da pesquisa, utilizando uma análise qualitativa que é usada em métodos observacionais, experimentais e comparativos.

Mayring (2002) apresenta seis formas de delinear uma pesquisa qualitativa, uma delas seria a pesquisa de campo, podendo ser a observação participante um meio de coletar dados visuais na pesquisa qualitativa.

A documentação necessária para o início desta pesquisa, foi a carta de anuência (em anexo) que foi autorizada pela direção da escola pesquisada. Como os instrumentos utilizados foram diários de campo e ficha de observação (em anexo). Não foi necessário Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, pois tivemos o cuidado de não fotografar crianças, apenas objetos de uso pessoal e materiais didáticos.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Durante o período dedicado à observação em sala de aula, foi possível constatar a divisão entre meninas e meninos com relação a lugar, espaço, atividades e brincadeiras.

Iniciando a rotina escolar, a professora sempre sugeria que as crianças cantassem, rezassem e se acomodassem em seus devidos lugares. Foi possível observar que as crianças sempre procuravam estar perto, ou ao lado do (da) colega que fosse do mesmo sexo, criando um certo receio de poder dialogar ou até mesmo ajudar nas atividades de um (uma) colega que não fosse do mesmo sexo que o seu.

3.1 Sobre o brincar

Verificou-se que mesmo sendo uma escola pública, existia uma tendência a utilização de ritual religioso no início das atividades, o que poderíamos inferir que existe um padrão religioso, mesmo em se tratando de uma instituição pública.

De acordo com Papalia *et al* (2010), a partir dos três anos que as crianças começam a ter amigos (as), nesta faixa gostam **de brincar** com crianças da mesma idade. Na terceira infância, de três a seis anos, crianças brincam juntas e tem preferência por brincarem com grupos do mesmo sexo. As meninas são mais abertas de se envolverem em atividades lúdicas que pertencem a ambos os gêneros. De acordo com Selman (apud. PAPALIA *et al* 2010, p.

376), “as crianças pesquisadas estariam na fase da parceria momentânea que vai de três a sete anos”, sendo comum, terem amizades baseadas em proximidade física e aspectos físicos e materiais.

Os meninos em sala de aula estão sempre procurando ficar longe, ou não dividir materiais escolares com as garotas, e vice-versa, não há uma interação entre ambos, as atividades em grupos sempre estão divididas entre meninas com meninas e meninos com meninos, o que vai reforçando essa ideia sexista que garoto deve estar perto de garoto e garota deve estar perto de garota. As crianças, numa faixa etária entre 6 e 7 anos já estão induzidas a viver de acordo com os estereótipos impostos pela sociedade, e a sala de aula, que deveria ser um local de novas descobertas, novos pensamentos, acaba sendo apenas mais um reprodutor do discurso e do papel arcaico que a sociedade possui. Desse modo Louro (1997, p.83) destaca:

A separação de meninos e meninas é, então muitas vezes, estimulada pelas atividades escolares, que dividem grupos de estudo ou que propõem competições. Ela também é provocada, por exemplo, nas brincadeiras que ridicularizam um garoto, chamando-o de „menininha“, ou nas perseguições de bandos de meninas por bandos de garotos. Por outro lado, também se constrói na escola uma série de situações que representariam um „cruzamento de fronteiras“, ou seja, situações em que as fronteiras ou os limites entre os gêneros são atravessados.

Verificamos nesta faixa de idade aspectos próprios do desenvolvimento da idade que leva a separação por gênero, cabendo a professora uma intervenção na busca de desenvolver o aspecto sociabilidade entre crianças de gêneros diferentes. É preciso destacar também a postura da professora frente ao comportamento dos(as) alunos(as) e como educadora, principal referência enquanto agente ativo e direto na construção dos saberes das crianças. A educadora é mais um ponto de ligação que instiga em seus (suas) alunos (as) o distanciamento com os (as) colegas do mesmo sexo. A professora reproduzia o mesmo discurso estereotipado da sociedade, dividindo meninas e meninos, separando brinquedos de lógicas para os garotos e brinquedos de linguagem para as garotas, não havendo uma socialização entre ambos (as), visto que os meninos sempre tentavam atrapalhar ou interromper com correrias no meio das brincadeiras das meninas.

Louro (1997) traz a afirmação que ideias como essas impedem que as meninas realizem jogos ou atividades físicas que sejam intituladas como masculinas. Por questões organizacionais, essa divisão parece ter sentido às vezes, porém é papel do (a) professor (a) estimular nos (nas) alunos (nas) o experimento de diversos brinquedos na sala, tornando favorável os espaços ocupados por meninas e meninos sem discriminações, sem determinar posições e comportamentos. Na construção de identidades, é necessário trocas e experiências de papéis. Desta forma (KISHIMOTO, 2008, p.211) diz, “No entanto, a educação, por sua natureza teleológica, de busca de valores, deve conduzir a uma política voltada para a desconstrução de tais práticas históricas nas escolas, com professores (as) preparados (as)”.

Durante a rotina semanal a professora pedia que os (as) alunos (as) levassem brinquedos para se ocuparem durante o intervalo, como mostram as figuras abaixo. As meninas demonstraram estar adaptadas a levarem suas bonecas do tipo Barbie, e os meninos, os bonecos que se transformam em carros. Nesse tempo de recreio, meninos e meninas não interagem. Quando não estavam ocupados com seus brinquedos, os meninos estavam correndo, pulando... As meninas, às vezes, tentavam interagir com os meninos, mas acabavam se machucando, devido a maneira que os garotos agiam. Sobre o lúdico na infância e o papel da família, Kishimoto afirma que:

Os pais constroem o primeiro ambiente de brinquedos da criança, antes que ela comece a fazer suas escolhas. No nascimento, o quarto das meninas é rosa, com bonecas, e o dos meninos é azul, com carros em miniatura. As meninas costumam brincar de “casinha” e representa, o papel de mãe; os meninos, de “motorista”, que dirige carro. É o contexto em que a criança vive, especialmente o meio familiar, que dirige inicialmente tais escolhas. (KISHIMOTO; 2008, p. 210)

Vejamos algumas fotos que comprovam isso abaixo:

Figura 1 – Objetos utilizados pelos meninos



Fonte: Elaborada pela autora

Figura 2 – Bonecos/a



Fonte: Elaborada pela autora

Figura 3 – Bonecas e carro



Fonte: elaborada pela autora

Além dos brinquedos, as cores reforçam essa distinção estereotipada do que seria próprio do menino e do que seria próprio da menina. Na figura 1 podemos verificar o uso de objetos lúdicos que envolvem movimento, pequenas bolinhas, e personagens de filmes assistidos na televisão. Na figura 2, o boneco do menino e a boneca para a menina e, por fim, na figura 3 um carro de Barbie rosa, simbolizando cores suaves para as meninas.

3.2 Linguagem de gênero

Foi possível observar que a professora apresentou, durante sua interação com os alunos(as), um discurso de generalização em sua **linguagem**, verbalizando continuamente termos no masculino, quando se dirigia ao público masculino e feminino em sala de aula. Este discurso predominantemente masculino se verificava na hora de fazer a fila para ir ao refeitório e em diversos momentos em sala que a mesma precisa da atenção de todos (as).

De acordo com Louro (1997) é preciso se alertar, acima de tudo, para nossa linguagem, analisando os sexíssimos, racimos e etnocentrismos que as mesmas com frequência possuem e institui. A partir dessa perspectiva, foi possível constatar que a postura da professora observada acaba por reproduzir uma linguagem sexista, conforme encontramos

no contexto da nossa sociedade atual, que generaliza a mulher dentro da linguagem masculina. Foi possível perceber, assim, que o sexismo por meio da linguagem se faz presente dentro da sala de aula, reforçando e refletindo um pensamento produzido pela sociedade atual. A utilização da linguagem de gênero é uma das formas de combater o uso da linguagem generalizante e apresentar uma nova forma de repensar as relações de gênero e isso deve ocorrer desde os primeiros anos de idade.

A partir de suas pesquisas, Souza (1995) constatou que o gênero feminino era afetado por uma negação constante da linguagem utilizada, referindo-se às crianças sempre no masculino.

O papel do educador é questionar ideias preconcebidas e desmistificar representações estereotipadas. Portanto, é fundamental que por meio do lúdico, das brincadeiras e da interação, meninos e meninas criem oportunidades de construir sua própria identidade, incluindo a de gênero. Sendo assim, é preciso abrir esses horizontes dentro do espaço escolar para que não se formem consciências reprodutoras de todo um pensamento já ultrapassado que existe na sociedade.

3.3 Influência da família e da mídia na construção de gênero

Numa sociedade sexista, é possível observar que a educação familiar para com as crianças, antes do nascimento, quando os pais já preparam enxovais, estão marcadas por estereótipos de gênero. No formato tradicional de famílias se ensinam que meninos e meninas já possuem diferenças em relação à sua identidade e que ambos(as) os gêneros possuem experiências diferentes desde o nascimento. Isso pode ser evitado, desde que o comportamento social entre famílias, grupos e escolas não separem brinquedos por sexo, seja ele masculino ou feminino, permitindo à criança a opção de escolha. Sabe-se, portanto, que é uma proposta inovadora, pois percebemos, muitas vezes, que não se permite tais práticas por preconceitos ou estereótipos já formados.

Braga (2009) afirma que o gênero vai sendo constituído muito antes do nascimento, quando se sabe o sexo da criança gera-se expectativa em relação ao comportamento do que é de menino e de menina, formando assim, práticas que reforçam expectativas sociais.

As demarcações do que é próprio de menino ou menina já estão estabelecidas desde o nascimento da criança. Tais atitudes já são comuns na sociedade, e durante a pesquisa também pude analisar as práticas de determinações de cores dos objetos escolares que as crianças trazem de casa. As meninas estão sempre enfeitadas com fitas ou “xuxas” cor de rosa

ou lilás nos cabelos, sapatos e sandálias que contém princesas, Barbie, objetos que transmitem delicadeza e docilidade. Ações reprodutivas do que é legitimado para meninos e meninas também são demonstradas pelas crianças através dos objetos utilizados na rotina escolar. Durante o período de observação pude constatar que as mochilas das meninas eram sempre em tom de rosa ou lilás (figura 4) e as dos meninos (figura 5) sempre em tons escuros, como vermelho, verde ou preto.

Figura 4 – Mochilas das meninas



Fonte: elaborada pela autora

Figura 5 – Mochilas dos meninos



Fonte: elaborada pela autora

Os cadernos utilizados pelas crianças seguiam a mesma perspectiva. A figura de número 6 apresenta os cadernos das meninas, e a figura de número 7 a dos meninos.

Figura 6 – Cadernos das meninas



Fonte: elaborada pela autora

Figura 7 – Caderno dos meninos



Fonte: elaborada pela autora

Os traços marcantes das características contidas nos objetos de ambos nos mostra que além das cores, as imagens ilustram ainda mais a diferença entre os pertences. Para os

meninos a relação com cores fortes (vermelho, preto, azul), relacionados a masculinidade, e para as meninas, imagens com tons suaves (rosa, lilás). “ Os significados sociais potenciais desses personagens diferenciam brinquedos e seus valores para meninas e meninos”. (KISHIMOTO, 2008, p.212). Portanto, é importante ressaltar a importância da participação familiar quanto às instruções oferecidas as crianças desde cedo, os pais, juntamente com a escola deve promover experiências de descobertas e socialização para que a criança, sem pressões e sem preconceitos não assuma um pensamento padronizado como o modo de pensar dos adultos.

Dentre alguns fatores que contribuem na escolha de materiais escolares, brinquedos, entre outros, temos a influência da mídia e da publicidade voltadas para as crianças, que são alvos importantes por optarem na hora da escolha junto com seus pais, o que demonstra o hábito consumista desde cedo nas crianças que pode ser reforçado pelos próprios familiares.

Sobre a publicidade para crianças Gunter e Funham (1998, p.209) afirmam: “A publicidade pode influenciar aquilo que as crianças sabem acerca dos produtos e do consumismo, das suas atitudes em relação aos produtos e às marcas ou aos seus valores de consumo. A publicidade pode também afetar o comportamento aquisitivo”.

A construção dos valores das crianças está diretamente ligada ao mundo e, por vezes, os pais e professores(as) não reconhecem a influência que a sociedade tem sobre os mesmos e acabam deixando as crianças as margens de um consumismo que traz marcas estereotipadas e também uma carga grande de informações. Nota-se, assim, uma falta de orientação e diálogo sobre as consequências dos marketings que instigam ideias e práticas sexistas.

De acordo com os registros observados fica evidente que o corpo docente da escola junto com toda a equipe escolar deve desenvolver uma formação continuada de modo a esclarecer questões relativas à sexualidade e gênero com vistas a produzir uma educação que promova a transformação da visão sexista presente em muitas famílias e na sociedade. Como afirma LOURO (1997, p.80)

É importante notar, no entanto que, embora presente em todos os dispositivos de escolarização, a preocupação com a sexualidade geralmente não é apresentada de forma aberta. Indagados/as sobre essa questão, é possível que dirigentes ou professores/as façam afirmações do tipo: “ em nossa escola nós não precisamos nos preocupar com isso, nós não temos nenhum problema nessa área”, ou então, “nós acreditamos que cabe á família tratar desses assuntos””. De algum modo, parece que se deixarem de tratar desses “problemas” a sexualidade ficará fora da escola. É indispensável que reconheçamos que a escola não apenas reproduz, reflete as concepções de gênero e sexualidade que circulam na sociedade, mas que ela própria as produz.

Foi possível constatar, durante a pesquisa, o quanto a escola instiga os(as) alunos(as) posições estereotipadas da identidade de meninas e meninos, sejam elas de forma direta ou indireta. Isso foi possível observar seja nos discursos presentes entre o corpo docente, como também na política da escola, que estabelece relações distintas entre homens e mulheres. Faz-se necessário uma proposta pedagógica escolar que aborde assuntos relativos à igualdade entre os gêneros, à orientação sexual ou até a mesmo a identidade de gênero. Assuntos que devem ser esclarecidos dentro do espaço educacional entre pais, corpo docente e discente, desde a mais tenra idade.

Homens e mulheres certamente não são construídos apenas através de mecanismos de repressão ou censura, eles e elas se fazem, também, através de práticas e relações que instituem gestos, modos de ser e de estar no mundo, formas de falar e de agir, condutas e posturas apropriadas (e usualmente, diversas). Os gêneros se produzem, portanto, nas e pelas relações de poder, se as diferentes instituições e práticas sociais são constituídas pelos gêneros (e também os constitui), isso significa que essas instituições e práticas não somente “fabricam” os sujeitos como também são, elas próprias, produzidas (ou engendradas) por representações de gênero, bem como por representações étnicas, sexuais, de classe, etc. De certo modo poderíamos dizer que essas instituições têm gênero, classe, raça. Sendo assim, qual gênero da escola? (LOURO, 1997, p.88)

Sendo assim, cabe destacar que essas aptidões acabam tornando-se comum no cotidiano escolar, a escola, que deveria incluir, orientar e estabelecer relações entre ambos os sexos, tem papel de excluir e ser mais um elo que leva as crianças e alunos (as) a serem máquinas copadoras de pensamentos. “Diferenças, distinções, desigualdades... A escola entende disso. Na verdade, a escola produz isso. Desde seus inícios, a instituição escolar exerceu uma ação distintiva”. (LOURO, 1997, p.57).

3.4 Constatação dos estereótipos de gênero no refeitório

A distinção entre meninos e meninas está presente nos comportamentos da equipe escolar, desde a sala de aula ao refeitório. Podemos verificar na constatação das diferenças entre pratos, copos e talheres rosas e azuis, transmitindo as crianças estereótipos entre cores de menino e menina. Como podemos ver na figura 8 a escola faz essa divisão, o que faz com os alunos (as) tenham preferência pela cor e entendam que até mesmo a escola está educando para que haja essa diferença. Como consequência disso os meninos preferem o conjunto de cor azul, pelo fato de socialmente demonstrar sua masculinidade, sua potencialidade enquanto homem, não aceitam se o conjunto for cor de rosa, o mesmo

acontece com as garotas que rejeitam o conjunto de cor azul e só realizam as refeições em pratos, talheres e copos de cor de rosa.

Figura 8 – Objetos do refeitório



Fonte: elaborada pela autora

“A escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o “ lugar” dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas” (LOURO,1997, p.58.). O espaço escolar que deve exercer o papel de formar cidadãos críticos, com pensamentos contemporâneos, libertos da opressão social que nos cerca, toma para si o papel de segregar o lugar de cada um, a cor com qual cada um deve se identificar, e delimita pensamentos e toda uma geração que deveria pensar e ser diferente.

A escola não pode e não deve delimitar os espaços das crianças, informando o lugar de cada um, sua principal tarefa é promover a socialização entre todos, sem excluir ou dividir, independentemente de gênero.

Durante as festividades da escola, no período de observação foi possível perceber a presença marcante das marcações entre meninos e meninas, a (figura 9) nos mostra as sacolinhas que foram entregues aos (as) alunos (as) na comemoração do Dia das Crianças em outubro de 2016.

Figura 9 – Lanche Dia das Crianças.



Fonte: elaborada pela autora

Dentro do espaço escolar foi possível analisar o quanto as divisões entre homens e mulheres estão presentes nitidamente entre todo o corpo docente da escola, as preferências dos alunos (as) são produzidas e construídas dentro do campo escolar através de ações, condutas, costumes, diálogos, divisões, portanto não é possível analisar as diferenças entre meninos e meninas através apenas de explicações biológicas, pelo fato de que tais orientações e comportamentos são repassados de acordo com as construções sociais e históricas da comunidade e do papel que ela exerce junto com a escola. (LOURO,1997.)

A escola juntamente com seu modelo educacional transmitindo padrões comportamentais baseados nos interesses da sociedade, oriundos de uma postura sexista delimita espaços, exclui e reproduz ações estereotipadas que são impostas pelo convívio social contemporâneo.

Sobre o papel da escola Louro afirma:

Portanto, se admitimos que a escola não apenas transmite conhecimentos, nem mesmo apenas os produz, mas que ela também fabrica sujeitos, produz identidades étnicas, de gênero, de classe; se reconhecemos que essas identidades estão sendo produzidas através de relações de desigualdade; se admitimos que a escola está intrinsecamente comprometida com a manutenção de uma sociedade dividida e que faz isso cotidianamente, com nossa participação ou omissão; se acreditamos que a prática escolar é historicamente contingente e que é uma prática política é, que se transforma e pode ser subvertida; e, por fim, se não nos sentimos conformes com essas divisões sociais, então, certamente, encontramos justificativas não apenas para observar, mas, especialmente, para tentar interferir na continuidade dessas desigualdades. (LOURO,1997, p.85)

Sabemos que a escolha dos materiais e utensílios que compõe toda uma estrutura e infraestrutura vai além dos muros da escola, mas que atinge indiretamente quem está na sala de aula. Quando dizemos que a política pública exerce influência na formação de gênero, esta perpassa também pela escolha do material e também como utilizamos.

Bandeira (2005) afirma que por transversalidade de gênero nas políticas públicas entende-se por elaborar um referencial que permita orientar uma nova visão de competências, entre elas a política, institucional como também a administrativa, devendo o agente público se responsabilizar em relação à superação das assimetrias de gênero

Nesse sentido é necessário pensar numa forma de mobilização coletiva, entre pais, comunidade, escola e gestores para que se possam desenvolver uma educação para as crianças, as quais fazem parte de uma nova geração, com conceitos e valores baseados em modelos educacionais que instiguem os(as) alunos(as) a pautar pensamentos e ações diferentes enquanto seres em construção, desmistificando conceitos sexistas ou estereotipados pela sociedade quanto as construções de identidade de gênero e orientação sexual.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Devido a escola ter se tornado um lugar diversificado, a tarefa de educar na nossa contemporaneidade tornou-se ainda mais desafiadora. O(a) educador(a) que era antes seguido por padrões, hoje tem a tarefa de lidar com outras realidades, modificando sua própria consciência e modo de ver o mundo. Nesse novo contextos, o(a) educador(a) se depara com situações que não eram tidas como impasses ou problemas de um espaço escolar. Sendo assim a escola tem um desafio a enfrentar, todo o corpo docente tem a tarefa de abraçar a diversidade e oferecer aos(as) alunos(as) um modelo de educação que seja capaz de transformar a sociedade em que vivemos. A escola precisa deixar de ser transmissora dos mesmos pensamentos excludentes e sexistas que são compartilhados pela grande maioria da sociedade. É preciso criar uma nova geração de adultos críticos e pensantes, sem exercer papéis de máquinas reprodutoras de pensamentos estereotipados e sexistas.

No entanto, esse é um movimento que necessita do envolvimento de todos que envolvem o sistema educacional, iniciando pela escola, unindo-se a sociedade e gestores para que haja uma efetiva formação humana transformadora, que seja capaz de respeitar e acolher as diferenças.

Precisamos de avanços quanto as temáticas de igualdade de gênero, como também questionar essa divisão de papéis, de rótulos que são impostos pela sociedade. Na questão

pedagógica existente na escola há uma forma de abranger os (as) alunos (as) que acaba propiciando desigualdades, o (a) aluno (a) vivencia na escola determinadas situações que podem fazê-los enxergar ainda mais as divisões e desigualdades existentes entre homens e mulheres. É necessário pensar nessa inclusão das crianças dentro do espaço escolar, levando em consideração a diversidade, promovendo espaços de igualdade dentro da escola.

A mudança da realidade da escola requer envolvimento dos pais, educadores e comunidade para transmitir aos (as) alunos (as) possibilidades de aprender e compreender as diferenças que estão presentes no nosso contexto atual, promovendo diálogos abertos que trabalhem as questões de identidade de gênero e orientação sexual, sem obrigar e dividir as crianças com relação ao sexo.

O que contribui para essa divisão de papéis na escola, ou em outros lugares é a forma como as crianças estão sendo educadas, limitando os espaços das crianças enquanto meninas e meninos, reforçando uma educação sexista, baseada em divisões entre sexos e graus de superioridade e inferioridade.

A comunidade escolar deve compreender o papel que a educação tem de promover um espaço para todos, sem distinção e divisões de papéis entre meninos e meninas, destinados a uma forma de aprendizagem que englobem diferenças, valores sociais e políticos, e que esses ensinamentos sejam capazes de incluir a todos com suas especificidades e garantindo-lhes os seus direitos baseados em igualdade entre homens e mulheres.

ABSTRACT

The main objective of this study was to analyze the pedagogical dynamics from school and watch as the process of interaction between girls and boys in a room of 1st year of elementary education. This article seeks to address the gender relations and as the construction of gender identity in daily school of children, trying to analyze the presence of unfair sexist in their midst. The present study reveals how the ethnographic, enabling an interaction of the researcher with the instrument of research. We use as an instrument of research participant observation, making use of a qualitative analysis that is used in observational methods, experimental and comparative studies. We have looked at studies of Guacira Louro (1997) among other scholars (The) and documents that cover issues related to gender. To try to understand how it happened to education and socialization of boys and girls, we found that the school has remarkable characteristics of a sexist education present in the speech of the educator, in moments of joking, among others, which directly influences the construction of the identity of the children. This article shows how these professional practices coming from school, along with the construction socio cultural life of students (the) can contribute to prejudices, delimiting spaces for men and women. In this sense, it is necessary to the whole school team rethink their practice and reinforce its work together with the community, struggling westow.

Keywords: Gender. Gender identity. Sexist practices.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. 4. ed. Campinas: Papyrus, 1995.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais**. Brasília: MECSEF, 1998.

FOUCAULT, Michel. **A História da sexualidade I. A vontade do saber**. 13ª ed. Rio de Janeiro. Ed. Graal, 1998.

GUNTER, Barrie; FURNHAM, Adrian. **As crianças como consumidoras: Uma análise psicológica do mercado juvenil**. Lisboa: Horizontes Pedagógicos, 1998.

KISHIMOTO, M. T.; ONO, A. T. Brinquedo, Gênero e Educação na brinquedoteca. **Pro-Posições** [online]. 2008, vol.19, n.3, pp.209-223. ISSN 1980-6248.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petropolis, RJ: Vozes, 1997.

MAYRING, Ph. **Introdução à pesquisa social qualitativa**. (5ª ed.). Weinheim: Beltz, 2002.

PAPALIA, D. E; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

SILVA, M. O. Lino da; OLIVEIRA, S. S.; PEREIRA, V. A. *et al.* **Etnografia e pesquisa qualitativa: apontamentos sobre um caminho metodológico de investigação**. 2010.

SOUZA, Jane Felipe de. **Gênero e sexualidade nas pedagogias culturais: implicações para a educação infantil**. Silva, p. 195, 1995.

VALLADARES, L. Os dez mandamentos da observação participante. **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo, v. 22, n. 63, p. 153-155.



APÊNDICE A

CARTA DE ANUÊNCIA

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

CARTA DE ANUÊNCIA

Prezada Sra. Diretora: Simone Macedo

Estamos realizando um estudo com o objetivo de analisar como se dá as relações de gênero dentro do espaço escolar, especificamente na sala do 1º ano do Ensino Fundamental I. A partir dos estudos realizados, das metodologias aplicadas e dos resultados obtidos.

Essa pesquisa objetiva, prioritariamente, busca analisar a postura das crianças e da escola frente as questões de gênero e sexualidade, através da observação.

Para atingir tal objetivo, seria necessário observar uma sala de aula com crianças na faixa etária de idade entre 6 a 7 anos, para podermos observar como as (os) alunos (as) reagem frente as questões de gênero. Sendo assim, solicito da Vossa Senhoria permissão para tal procedimento.

Eu, Sra.Prof(a) Simone Macedo, na condição de Diretora da Escola Municipal Drº Antônio Galdino Guedes, venho por meio deste autorizar a realização dessa observação, desde que esta esteja adequada às exigências do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual da Paraíba.

Guarabira, 03 de outubro de 2016.

Marília Chiara Dantas da Silva
Aluna da UEPB/ Curso de Pedagogia
Matrícula: 131460056

Ana Raquel de Oliveira França
Profª. Orientadora
UEPB/ Campus III

APÊNDICE B FICHA DE

OBSERVAÇÃO

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – Campus III
FICHA DE OBSERVAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

Data		Dia da semana:
Local	(x) pátio (x) sala de aula () outros:	
<ol style="list-style-type: none"> 1. Quais práticas a escola usa para abordar as questões de gênero? 2. Como funciona a metodologia da professora em sala para abordar questões de gênero? 3. A escola trabalha com divisões por cores e espaços entre meninos e meninas? 4. Na hora do intervalo como funcionam as brincadeiras? 5. As meninas e os meninos interagem? 6. Há uma parceria entre escola e pais para discutir as temáticas de gênero? 7. Qual o comportamento das crianças cotidianamente com relação as questões de gênero que surge mem sala de aula? 		